

Arthur W. Pink

EVANGELISMO MODERNO



EVANGELISMO MODERNO

————— A. W. Pink —————

Traduzido do original em Inglês

Present Day Evangelism

By A. W. Pink

Via: EternalLifeMinistries.org

Tradução e Capa por William Teixeira

Revisão por Camila Almeida

1ª Edição: Março de 2015

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas usadas nesta tradução são da versão Almeida Corrigida Fiel | ACF • Copyright © 1994, 1995, 2007, 2011 Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Traduzido e publicado em Português pelo website oEstandarteDeCristo.com, com a devida permissão do Ministério *Eternal Life Ministries* (EternalLifeMinistries.org) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International Public License.

Você está autorizado e incentivado a reproduzir e/ou distribuir este material em qualquer formato, desde que informe o autor, as fontes originais e o tradutor, e que também não altere o seu conteúdo nem o utilize para quaisquer fins comerciais.

Evangelismo Moderno

Por Arthur Walkington Pink

A maioria do chamado evangelismo dos nossos dias é uma tristeza para os Cristãos genuínos, pois eles sentem que ele não tem qualquer garantia escriturística, que está desonrando a Deus, e que ele está enchendo as igrejas com professos vazios. Eles estão chocados que tão espumosa superficialidade, excitação carnal e sedução mundana estejam associadas com o santo nome do Senhor Jesus Cristo. Eles lamentam o barateamento do Evangelho, a sedução de almas incautas, e a carnalização e comercialização do que é para eles inefavelmente sagrado. Requer pouco discernimento espiritual perceber que as atividades evangelísticas da cristandade durante o último século têm constantemente deteriorado de mal a pior, mas poucos parecem perceber a raiz de onde este mal surgiu. Agora, será nosso esforço expô-la. Seu objetivo foi errado e, portanto, o seu fruto é defeituoso.

O grande projeto de Deus, do qual Ele nunca Se desviou e nunca Se desviará, é glorificar a Si mesmo — manifestar diante de Suas criaturas que Ele é um Ser infinitamente glorioso. Esse é o grande objetivo e ao final Ele terá em tudo aquilo que Ele faz e diz. Para isso Ele sofreu que o pecado entrasse no mundo. Para isso foi Sua vontade que Seu Filho amado Se tornasse carne, rendesse perfeita obediência à Lei Divina, sofresse e morresse. Para isso Ele agora está tomando para fora do mundo um povo para Si mesmo, um povo que deve mostrar eternamente os Seus louvores. Para isso tudo é ordenado por Seu lidar providencial. A isso tudo na terra está agora sendo dirigido, e realmente executará o mesmo. Nada mais do que isso é o que regula a Deus em todas as Suas atuações: “Porque dele, e por dele, e para ele são todas as coisas, glória, pois a ele para sempre. Amém” (Romanos 11:36).

Esta grande e básica verdade está escrita em todas as Escrituras com a clareza de um raio de sol, e quem não a vê é cego. Todas as coisas são nomeadas por Deus para este único fim. Sua salvação de pecadores não é um fim em si mesmo, pois Deus não haveria perdido nada se todos percessem eternamente. Não, Sua salvação de pecadores, é um meio para um fim: “para o louvor da glória de sua graça” (Efésios 1:6). Agora a partir desse fato fundamental, segue-se necessariamente que devemos fazer deste o nosso objetivo e fim: que Deus seja magnificado por nós: “Tudo o que fizerdes, fazei tudo para a glória de Deus” (1 Coríntios 10:31). Da mesma forma, segue-se também que esse deve ser o objetivo do pregador, e que tudo deve ser subordinado à mesma regra, pois todo o resto é de importância e valor secundário. Mas, é isto assim? Pegue o mais recente slogan do mundo religioso:

“Jovens para Cristo”. Bem, o que está errado com isso? Sua ênfase! Por que não “Cristo para os Jovens?”

Se o evangelista não consegue fazer da glória de Deus o seu objetivo primordial e constante, ele certamente estará errado, e todos os seus esforços serão nada mais do que golpes no ar. Quando ele faz um fim de qualquer coisa menos do que isso, ele pode estar certo de cair em erro, pois ele já não dá a Deus o Seu devido lugar. Uma vez que nos fixamos nos nossos próprios fins, nós estamos prontos para adotar os nossos próprios meios. Foi neste exato ponto que o evangelismo falhou duas ou três gerações atrás, e a partir desse ponto tem cada vez mais longe se desviado. O evangelismo fez de “ganhar almas” seu objetivo, seu *summum bonum*, e tudo o mais foi feito para servir e prestar tributo ao mesmo. Embora a glória de Deus não foi realmente negada, ainda assim foi perdida de vista, rivalizada e tornada secundária. Além disso, convém lembrar que Deus é honrado na exata proporção que o pregador expõe a Sua Palavra, e fielmente proclama “todo o Seu conselho”, e não apenas aquelas partes que apelam para ele.

Para não falar aqui sobre esses evangelistas baratos, que não que visam mais alto do que pressionar às pessoas a fazerem uma profissão formal de fé, a fim de que a membresia das igrejas possa ser inchada, considere aqueles que são inspirados por uma verdadeira compaixão e profunda preocupação para com os que estão perecendo, que sinceramente anseiam e zelosamente se esforçam para libertar as almas da ira vindoura, mas a não ser que se guardem muito, eles também vão inevitavelmente errar. A menos que eles constantemente visem a conversão na maneira de Deus — a maneira em que Ele deve ser glorificado — eles rapidamente começarão a se comprometer com os meios que empregam. O desejo febril do evangelismo moderno não é a forma de promover a glória do Triúno Jeová, mas de multiplicar as conversões. Todo o curso da atividade evangélica durante os últimos cinquenta anos tem tomado este rumo. Perdendo de vista o propósito de Deus, as igrejas criaram meios próprios.

Inclinando-se em alcançar um determinado objeto desejado, a força da carne tem reinado livremente e se supôs que o objetivo estava correto, evangelistas concluíram que nada poderia estar errado, se contribuísse para a obtenção de tal fim; e uma vez que seus esforços parecem ser eminentemente bem sucedidos, apenas muitas igrejas silenciosamente consentem de forma passiva, dizendo: “o fim justifica os meios”. Em vez de examinar os planos propostos e os métodos adotados à luz das Escrituras, foram tacitamente aceitando por motivo de conveniência. O evangelista era estimado não pela solidez de sua mensagem, mas pelos “resultados” visíveis que ele garantia. Ele foi avaliado, e não conforme a medida que a sua pregação honrava a Deus, mas por quantas almas foram supostamente convertidas por ela.

Uma vez que um homem faz da conversão dos pecadores seu principal objetivo e fim, ele está extremamente apto a adotar um caminho errado. Em vez de lutar para pregar a verdade em toda a sua pureza, ele usará tom mais baixo, de modo a torná-lo mais palatável para os não regenerados. Impelido por uma única força, movendo-se em uma direção fixa, seu objetivo é fazer com que a conversão se torne fácil, e, portanto, as passagens favoritas (como João 3:16) são incessantemente abordadas, enquanto outras são ignoradas ou tratadas com superficialidade. Inevitavelmente atentam contra sua própria teologia, e vários versículos da Palavra são evitados, se não repudiados. Que lugar ele dará em seu pensamento a tais declarações como: “Porventura pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas?” (Jeremias 13:23); “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trazer” (João 6:44); “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós” (João 15:16)?

Ele será tentado a modificar a verdade da eleição soberana de Deus, da redenção particular de Cristo, da necessidade imperiosa das operações sobrenaturais do Espírito Santo.

Na evangelização do século XX, houve uma lamentável ignorância da verdade solene da depravação total do homem. Houve uma subestimação completa do caso e condição desesperados do pecador. Pouquíssimos de fato têm enfrentado o fato desagradável de que cada homem é totalmente corrupto por natureza, que ele é completamente inconsciente de sua própria miséria, cego e desamparado, morto em delitos e pecados. Por causa disto, o seu coração está cheio de inimizade contra Deus, segue-se que ninguém pode ser salvo sem a intervenção especial e imediata de Deus. De acordo com a nossa visão aqui, assim será em outros lugares. Restringir e modificar a verdade da depravação total do homem, inevitavelmente, leva à diluição das verdades consequentes. O ensinamento da Sagrada Escritura sobre este ponto é inequívoco: a situação do homem é tal que sua salvação é impossível, a menos que Deus exerça Seu poder. Nenhuma comoção das emoções por anedotas, nenhuma gratificação dos sentidos por música, nenhuma oratória do pregador, nenhuns apelos persuasivos, podem lograr o mínimo sucesso.

Em conexão com a velha criação, Deus fez tudo sem assistentes. Mas no trabalho muito mais estupendo da nova criação, é intimado pelo evangelismo Arminiano do nosso dia que Ele precisa da cooperação do pecador. Realmente, se trata disto: Deus é representado como ajudando o homem a salvar a si mesmo: o pecador deve começar o trabalho, tornando-se disposto, e então Deus completará a iniciativa. Considerando que, ninguém, senão o Espírito pode fazer-nos voluntários no dia do Seu poder (Salmos 110:3); somente Ele pode produzir contrição segundo Deus pelo pecado, e a fé salvífica no Evangelho. Somente Ele pode fazer com que não nos amemos a nós mesmos em primeiro lugar, e nos trazer em

sujeição ao senhorio de Cristo. Em vez de procurar a ajuda de evangelistas de fora, levemos as igrejas a voltarem seus rostos para diante de Deus, confessarem seus pecados, buscarem a Sua glória, e clamarem por Suas operações miraculosas. “Não por força [do pregador], nem por violência [da vontade do pecador], mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos”.

É geralmente reconhecido que a espiritualidade está em baixa na Cristandade, e não poucos percebem que a sã doutrina está rapidamente declinando, no entanto, muitos do povo do Senhor são levados ao conforto de supor que o Evangelho ainda está sendo amplamente pregado e que um grande número está sendo salvo por ele. Infelizmente, a sua suposição otimista está mal fundada e tristemente aterrada. Se a “mensagem” agora sendo pregada em Salões Missionários for examinada, se os “folhetos” que estão sendo espalhados entre as massas sem a igreja ter examinado, se os alto-falantes ao “ar livre” forem ouvidos atentamente, se os “sermões” ou “discursos” de uma “campanha para ganhar almas” forem analisados; em suma, se o “evangelismo” moderno for pesado na balança das Sagradas Escrituras, será achado em falta, pois falta o que é vital para a conversão genuína, falta aquilo que é essencial para que aos pecadores seja demonstrada a sua necessidade de um Salvador, carece daquilo que produzirá vidas transformadas em novas criaturas em Cristo Jesus.

O que escrevemos não é de espírito capcioso, não procuramos ofender os homens por uma palavra. Não é que nós estamos procurando por perfeição, e nos queixando porque não podemos encontrá-la; nem que nós criticamos os outros, porque eles não estão fazendo as coisas como nós pensamos que devem ser feitas. Não, é uma questão muito mais grave do que isso, a “evangelização” dos nossos dias não é apenas superficial até o último grau, mas é radicalmente defeituosa. Ela é totalmente carente de uma base sobre a qual basear um apelo para que os pecadores venham a Cristo. Não existe apenas uma lamentável falta de proporção (a misericórdia de Deus sendo feita muito mais proeminente do que a Sua santidade, Seu amor, em detrimento de Sua ira), mas há uma omissão fatal daquilo que Deus nos deu com a finalidade de transmitir conhecimento do pecado. Não existe apenas uma repreensível introdução de “cantar brilhante”, piadas engraçadas e anedotas para o entretenimento, mas há uma deliberada omissão do fundo escuro sobre o qual somente o Evangelho pode efetivamente brilhar.

Mas verdadeiramente sério como é o indiciamento acima, é apenas metade da história: o lado negativo, o que está faltando. Pior ainda é o que está sendo vendido a varejo pelos evangelistas baratos atuais. O conteúdo positivo de sua mensagem não é senão um lançamento de poeira nos olhos do pecador. Sua alma é colocada para dormir pelo ópio do diabo, ministrado na forma mais insuspeita. Aqueles que realmente recebem a “mensagem” que

agora está sendo ministrada nos púlpitos “ortodoxos” e plataformas atuais, estão sendo fatalmente enganados. É um caminho que parece direito ao homem, mas a menos que Deus intervenha soberanamente por um milagre da graça, todos os que seguem por ele certamente descobrirão que o fim dele são os caminhos da morte. Dezenas de milhares de pessoas que confiantemente imaginam estarem seguramente indo para o Céu terão uma terrível desilusão quando acordarem no inferno!

O que é o Evangelho? É o Evangelho uma mensagem de boas novas do céu para fazer rebeldes que desafiam a Deus ficarem à vontade em sua maldade? É dado com o propósito de garantir aos jovens prazeres loucos que, desde que apenas “creiam”, não há nada a temer por eles no futuro? Alguém estaria certo ao pensar que sim da maneira em que o Evangelho é apresentado, ou melhor, pervertido, pela maioria dos “evangelistas”, e mais ainda quando olhamos para a vida de seus “convertidos”. Certamente aqueles com algum grau de discernimento espiritual devem perceber que: assegurar aos tais que Deus os ama e Seu Filho morreu por eles, e que um perdão completo para todos os seus pecados (passados, presentes e futuros) podem ser obtidos por simplesmente por “aceitar Cristo como seu Salvador pessoal”, não passa de um lançar de pérolas aos porcos.

O Evangelho não é uma coisa à parte. Não é algo independente da revelação anterior da Lei de Deus. Não é um anúncio de que Deus relaxou Sua justiça ou baixou Seu padrão de santidade. Longe disto; quando bíblicamente exposto, o Evangelho apresenta a mais clara demonstração e a prova decisiva da inexorabilidade da justiça de Deus e de Sua infinita aversão ao pecado. Mas, para bíblicamente expor o Evangelho, jovens imberbes e homens de negócios que dedicam seu tempo livre para “esforço evangelístico” estão inteiramente desqualificados. Infelizmente o orgulho da carne encoraja tantos incompetentes a se apresarem para correr onde os sábios temem pisar. É essa multiplicação de noviços que é em grande parte responsável pela situação deplorável que agora nos confronta, e o motivo pelo qual as “igrejas” e “assembleias” estão tão amplamente cheias com seus “convertidos” explica-se pelo fato de que elas são tão não-espirituais e mundanas.

Não, meu leitor, o Evangelho está muito, muito longe de fazer do pecado uma coisa leve. O Evangelho mostra-nos como Deus lida de maneira implacável com o pecado. Revela-nos a terrível espada de Sua justiça ferindo Seu Filho amado, a fim de que a expiação pelas transgressões de Seu povo pudesse ser feita. Longe do Evangelho deixar a Lei de lado, ele exhibe o Salvador suportando a maldição dela. O Calvário nos forneceu a exibição mais solene e inspiradora do ódio de Deus pelo pecado do que o tempo ou a eternidade jamais farão. E você imagina que o Evangelho é magnificado ou Deus glorificado, indo para os mundanos e dizendo-lhes que “podem ser salvos neste momento, simplesmente aceitando a Cristo como seu Salvador pessoal”, enquanto eles estão casados com seus ídolos e seus

corações ainda estão em amor pelo pecado? Se eu fizer isso, eu digo-lhes uma mentira, perverto o Evangelho, insulto a Cristo e transformo a graça de Deus em libertinagem.

Sem dúvida, alguns leitores estão prontos para se opor às nossas declarações “duras” e “sarcásticas” feitas acima perguntando: “Quando a questão foi colocada: 'O que eu devo fazer para ser salvo?' (Atos 16:31), O apóstolo inspirado não disse expressamente: “Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo?” Podemos errar, então, se dissermos aos pecadores a mesma coisa hoje? Não temos nós autorização Divina para fazê-lo? É verdade, essas palavras são encontradas nas Sagradas Escrituras, e porque elas o são, muitas pessoas superficiais e não treinadas concluem que eles estão justificados em repeti-las para todas as pessoas. Mas deixe-me salientar que Atos 16:31 não foi dirigido a uma multidão promíscua, mas para um indivíduo em particular, que ao mesmo tempo dá a entender que não é uma mensagem a ser indiscriminadamente proclamada, mas sim, uma palavra especial para aqueles cuja características correspondem àquele a quem esta fala foi dirigida pela primeira vez.

Os versículos da Bíblia não devem ser tirados de seu contexto, mas ponderados, interpretados e aplicados de acordo com o seu contexto; e levados para uma reflexão em oração, meditação cuidadosa e estudo prolongado; e é a falha neste ponto que causa essas “mensagens” de má qualidade e sem valor desta era de correria. Olhe para o contexto de Atos 16:31, e o que encontramos? Qual foi a ocasião, e para quem foi que o apóstolo e seu companheiro disseram: “Crê no Senhor Jesus Cristo”. A resposta está ali dada sete vezes, e fornece uma impressionante e completa delimitação das características do caráter daqueles a quem são justificados em dirigir-lhe esta palavra verdadeiramente evangelística. À medida que brevemente nomearemos estes sete detalhes, o leitor poderá ponderá-los com cuidado.

Em primeiro lugar, o homem a quem essas palavras foram ditas acabara de testemunhar o poder milagroso de Deus. “E de repente sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos” (Atos 16:26). Em segundo lugar, em decorrência disto o homem estava profundamente abalado, até mesmo ao ponto de desesperar de si mesmo: “tirou a espada, e quis matar-se, cuidando que os presos já tinham fugido” (v. 27). Em terceiro lugar, ele sentiu a necessidade de iluminação: “Pedindo luz, saltou dentro” (v. 29). Em quarto lugar, a sua autocomplacência foi totalmente destruída, pois que ele veio “todo trêmulo” (v. 29). Em quinto lugar, ele tomou o seu devido lugar diante de Deus — no pó — pois: “se prostrou ante Paulo e Silas” (v. 29). Sexto, ele demonstrou respeito e consideração pelos servos de Deus, pois ele “os tirou para fora” (v. 30). Em sétimo lugar, em seguida, com uma profunda preocupação com a sua alma, ele perguntou: “senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?”.

Aqui, então, está algo definitivo para nossa orientação, se estamos dispostos a ser guiados. Não era uma pessoa frívola, descuidada e indiferente que foi exortada a “simplesmente” crer; mas em vez disso, alguém que deu provas claras de que uma poderosa obra de Deus já havia sido feita dentro dele. Ele era uma alma despertada (v. 27). No seu caso não havia necessidade de pressionar sobre ele sua condição de perdido, pois, obviamente, ele já a sentia; nem foram os apóstolos obrigados a insistir com ele sobre o dever do arrependimento, pois todo o seu comportamento indicava sua contrição. Mas, aplicar as palavras ditas a ele para aqueles que são totalmente cegos para o seu estado depravado e completamente mortos para Deus, seria mais tolo do que colocar um frasco com incenso para o nariz de alguém que acaba de ser arrastado inconsciente para fora d’água. Deixe o crítico deste artigo ler completamente os Atos e ver se ele pode encontrar um único exemplo dos apóstolos abordarem um público promíscuo ou um grupo de pagãos idólatras e “simplesmente dizer-lhes” para crer em Cristo!

Assim como o mundo não estava pronto para o Novo Testamento antes de ter recebido o Antigo, assim como os judeus não estavam preparados para o ministério de Cristo até que João Batista tivesse ido diante dele chamando ao arrependimento exigido, assim os não-salvos não estão hoje em condição de receberem o Evangelho até que a Lei seja aplicada aos seus corações, pois “pela lei vem o conhecimento do pecado” (Romanos 3:20). É um desperdício de tempo semear em terreno que nunca foi lavrado ou revolvido! Apresentar o sacrifício vicário de Cristo para aqueles cuja paixão dominante é o pecado, é dar o que é santo aos cães. O que os não-convertidos precisam ouvir é sobre o caráter dAquele com quem eles têm que lidar, Suas reivindicações sobre eles, Suas justas demandas, e a maldade infinita de negligenciá-LO e seguir os seus próprios caminhos.

A natureza da salvação de Cristo é deploravelmente deturpada pelo atual “evangelista”. Ele anuncia um Salvador do inferno ao invés de um Salvador do pecado. E é por isso que muitos são fatalmente enganados, pois há multidões que desejam escapar do lago de fogo, mas que não têm nenhum desejo de serem libertos de sua carnalidade e mundanismo. A primeira coisa que foi dita sobre Ele no Novo Testamento é: “E dará à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS; porque ele salvará o seu povo... [não “da ira vindoura”, mas] dos seus pecados” (Mateus 1:21). Cristo é um Salvador para aqueles que percebem algo da excessiva malignidade do pecado, que sentem o terrível fardo disso em sua consciência, que detestam a si mesmos por causa dele, que anseiam ser libertos de seu terrível domínio. E Ele não é um Salvador para nenhum outro. Se Ele estivesse “salvando do inferno” aqueles que ainda estão no amor ao pecado, Ele seria um ministro do pecado, perdoando sua maldade e aliando-se a eles contra Deus. Que coisa indizivelmente horrível e blasfema temos atribuído ao Santo Ser!

Caso o leitor exclame: “Eu não estava consciente da hediondez do pecado, nem me curvei com um senso de minha culpa, quando Cristo me salvou”. Então nós sem hesitação respondemos: Ou você nunca foi salvo em absoluto, ou você não foi salvo, tão cedo como você supôs. É verdade, que à medida que um Cristão cresce na graça, ele tem uma percepção mais clara do que é o pecado — rebelião contra Deus — e um ódio profundo e tristeza e por ele; mas pensar que alguém pode ser salvo por Cristo, cuja consciência nunca foi ferida pelo Espírito e cujo coração não foi contristado diante de Deus, é imaginar algo que não existe no reino da verdade. “Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes” (Mateus 9:12). Os únicos que realmente buscam o alívio do grande Médico são os que estão doentes por causa do pecado, que anseiam serem libertos de suas obras, as quais desonram a Deus e das poluições que contaminam a sua alma.

E, visto como a salvação de Cristo é uma salvação do pecado, do amor por ele, de seu domínio, de sua culpa e penalidade; e assim segue-se necessariamente que a primeira grande tarefa e o principal trabalho do evangelista é pregar sobre o pecado: definir o que o pecado (como distinto de crime) é realmente, mostrar em que sua maldade infinita consiste, traçar seu funcionamento multiforme no coração, indicar que nada menos do que o castigo eterno é a sua recompensa. Ah, e pregando sobre o pecado não apenas proferindo algumas coisas relativas, mas dedicando sermão após sermão para explicar o que é pecado aos olhos de Deus, isso não vai fazê-lo popular, nem atrairá as multidões, vai? Não, não vai, e sabendo disso, aqueles que amam o louvor dos homens mais do que a aprovação de Deus, e que valorizam o seu salário acima das almas imortais, montam as suas ofertas conformemente. “Mas esse tipo de pregação irá levar as pessoas a afastarem-se”. Nós respondemos: é muito melhor afastar as pessoas pela pregação fiel, do que afastar o Espírito Santo por infielmente favorecer a carne!

Os termos da salvação de Cristo são erroneamente afirmados pelo evangelista de hoje. Com raríssimas exceções, ele diz aos seus ouvintes que a salvação é pela graça e é recebido como um dom gratuito, que Cristo fez tudo para o pecador, e que nada resta, e que ele somente deve “crer”, confiar nos méritos infinitos do Seu sangue. E assim é que esta concepção agora amplamente prevalecente em círculos “ortodoxos”, tantas vezes tem sido sussurrada em seus ouvidos, tão profundamente que tem raízes em suas mentes, de forma que alguém que agora o desafia e o denuncia como sendo tão inadequado quanto errado e enganoso na frente e no verso, é para ele imediatamente julgado e estigmatizado como sendo um herege, e é acusado de desonrar a obra consumada de Cristo inculcando a salvação pelas obras. No entanto, não obstante, o escritor está inteiramente preparado para correr esse risco.

A salvação é pela graça, somente pela graça, pois uma criatura caída não pode fazer nada

para merecer a aprovação de Deus ou ganhar o Seu favor. No entanto, a graça Divina não é exercida em detrimento da santidade, pois nunca se compromete com o pecado. Também é verdade que a salvação é um dom gratuito, mas uma mão vazia deve recebê-lo, e não uma mão que ainda firmemente agarra o mundo! Mas não é verdade que “Cristo fez tudo pelo pecador”. Ele não encheu o seu estômago com as alfarrobas que os porcos comem e as encontrou incapazes de satisfazer. Ele não virou as costas para o país distante, levantou-se, e foi para o Pai reconhecendo os seus pecados — esses são atos que o próprio pecador deve realizar. Na verdade, ele não será salvo pelo desempenho deles, mais do que o filho pródigo poderia receber um beijo e o anel do Pai, enquanto ele permanecia na culpa, distante dele!

Algo mais do que “crer” é necessário para a salvação. Um coração que se fortificou em rebelião contra Deus não pode crer salvificamente, ele deve primeiro ser quebrantado. Está escrito: “Se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lucas 13:3). O arrependimento é tão essencial como a fé, sim, este último não pode acontecer sem o primeiro: “vós, porém, vendo isto, nem depois vos arrependestes para o crer” (Mateus 21:32). A ordem estabelecida por Cristo é suficientemente clara: “Arrependei-vos, e crede no evangelho” (Marcos 1:15). O arrependimento é um repúdio do coração pelo pecado. O arrependimento é uma determinação do coração de abandonar o pecado. E onde há o verdadeiro arrependimento, a graça está livre para agir, pois as exigências da santidade são conservadas quando o pecado é renunciado. Assim, é dever do evangelista clamar: “Deixe o ímpio o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converta ao Senhor, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Isaías 55:7). Sua tarefa é a de chamar os seus ouvintes a abaixar as armas da sua guerra contra Deus, e depois suplicar por misericórdia através de Cristo.

A forma de salvação é erroneamente definida. Na maioria dos casos, o “evangelista” moderno assegura à sua congregação que tudo o que qualquer pecador tem que fazer a fim de escapar do inferno e assegurar-se dos céus é “receber a Cristo como seu Salvador pessoal”. Mas tal ensino é totalmente enganoso. Ninguém pode receber a Cristo como seu Salvador, enquanto ele O rejeita como Senhor! É verdade, o pregador acrescenta que aquele que aceita a Cristo também deve entregar-se a Ele como Senhor, mas ao mesmo tempo estraga isso, afirmando que, mesmo que o convertido não faça isso, ainda assim, o Céu está garantido para ele. Essa é uma das mentiras do diabo! Somente aqueles que são espiritualmente cegos declararíamos que Cristo salvará qualquer pessoa que despreza Sua autoridade e recusa o Seu jugo. Pois isso, meu leitor, não seria graça, mas uma desgraça — isso é pensar em Cristo como aquele que galardoa a iniquidade!

É em Seu ofício de Senhor que Cristo mantém a honra de Deus, ratifica Seu governo, impõe

Sua Lei; e se o leitor se voltar para as passagens (Lucas 1:46-47; Atos 5:31; 2 Pedro 1:11, 2:20, 3:1), onde ocorrem os dois títulos, nelas ele encontrará sempre a mesma ordem: “Senhor e Salvador”, e não “Salvador e Senhor”. Portanto, aqueles que não se dobraram ao cetro de Cristo e O entronizaram em seus corações e vidas, e ainda imaginam que estão confiando nEle como seu Salvador estão enganados, e se Deus não os desiludir, eles irão para as labaredas eternas com uma mentira na sua mão direita (Isaías 44:20). Cristo é “a causa eterna salvação para todos os que lhe obedecem” (Hebreus 5:9), mas a atitude de quem não se submete ao Sua Senhorio é: “Nós não queremos que este reine sobre nós” (Lucas 19:14). Façamos uma pausa então, meu leitor, e honestamente enfrentemos a questão: Sou submisso à Sua vontade? Estou sinceramente me esforçando para guardar os Seus mandamentos?

Ai, ai, o “caminho da salvação” de Deus está quase que totalmente desconhecido, hoje, a natureza da salvação de Cristo é quase universalmente mal entendida, e os termos da Sua salvação deturpados por todos os lados. O “Evangelho”, que está agora sendo proclamado é, em nove casos de cada dez, nada além de uma perversão da verdade, e dezenas de milhares, certo de que estão seguindo para o Céu, mas que agora estão em ritmo acelerado para o inferno tão rapidamente quanto o tempo pode levá-los. As coisas estão muito, muito piores na Cristandade do que até mesmo o “pessimista” e “alarmista” supõe. Nós não somos um profeta, nem vamos entrar em qualquer especulação em relação ao que a profecia bíblica prevê. Homens mais sábios do que o escritor têm feito muitas vezes papel de bobos ao fazê-lo. Sejamos francos em dizer que não sabemos o que Deus está prestes a fazer. As condições religiosas eram muito piores, mesmo na Inglaterra, há 150 anos. Mas isso, nós tememos grandemente: a menos que Deus se agrade de nos conceder um verdadeiro reavivamento, não demorará muito antes que “as trevas cobrirão a terra, e a escuridão os povos” (Isaías 60:2), pois a luz da verdade do Evangelho está desaparecendo rapidamente. O “evangelismo” moderno constitui, em nossa opinião, o mais solene de todos os “sinais dos tempos”.

O que deve o povo de Deus fazer frente à situação vigente? Efésios 5:11 fornece a resposta Divina: “E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as”; e cada coisa que se opõe à luz da Palavra é “trevas”. É o dever sagrado de todo Cristão, não se comunicar com a monstruosidade “evangelística” da atualidade, reter todo o apoio moral e financeiro da mesma, não participar de nenhuma das suas reuniões, nem circular nenhum dos seus folhetos. Esses pregadores que dizem que os pecadores podem ser salvos sem abandonar seus ídolos, sem se arrependem, sem renderem-se ao senhorio de Cristo, são tão errôneos e perigosos como os outros que insistem que a salvação é pelas obras, e que o Céu deve ser conquistado pelos nossos próprios esforços.

OUTRAS LEITURAS QUE RECOMENDAMOS

Baixe estes e outros e-books gratuitamente no site oEstandarteDeCristo.com.

- 10 Sermões — R. M. M'Cheyne
- Adoração — A. W. Pink
- Agonia de Cristo — J. Edwards
- Batismo, O — John Gill
- Batismo de Crentes por Imersão, Um Distintivo Neotestamentário e Batista — William R. Downing
- Bênçãos do Pacto — C. H. Spurgeon
- Biografia de A. W. Pink, Uma — Erroll Hulse
- Carta de George Whitefield a John Wesley Sobre a Doutrina da Eleição
- Cessacionismo, Provando que os Dons Carismáticos Cessaram — Peter Masters
- Como Saber se Sou um Eleito? ou A Percepção da Eleição — A. W. Pink
- Como Ser uma Mulher de Deus? — Paul Washer
- Como Toda a Doutrina da Predestinação é corrompida pelos Arminianos — J. Owen
- Confissão de Fé Batista de 1689
- Conversão — John Gill
- Cristo É Tudo Em Todos — Jeremiah Burroughs
- Cristo, Totalmente Desejável — John Flavel
- Defesa do Calvinismo, Uma — C. H. Spurgeon
- Deus Salva Quem Ele Quer! — J. Edwards
- Discipulado no Tempo dos Puritanos, O — W. Bevins
- Doutrina da Eleição, A — A. W. Pink
- Eleição & Vocação — R. M. M'Cheyne
- Eleição Particular — C. H. Spurgeon
- Especial Origem da Instituição da Igreja Evangélica, A — J. Owen
- Evangelismo Moderno — A. W. Pink
- Excelência de Cristo, A — J. Edwards
- Gloriosa Predestinação, A — C. H. Spurgeon
- Guia Para a Oração Fervorosa, Um — A. W. Pink
- Igrejas do Novo Testamento — A. W. Pink
- In Memoriam, a Canção dos Suspiros — Susannah Spurgeon
- Incomparável Excelência e Santidade de Deus, A — Jeremiah Burroughs
- Infinita Sabedoria de Deus Demonstrada na Salvação dos Pecadores, A — A. W. Pink
- Jesus! — C. H. Spurgeon
- Justificação, Propiciação e Declaração — C. H. Spurgeon
- Livre Graça, A — C. H. Spurgeon
- Marcas de Uma Verdadeira Conversão — G. Whitefield
- Mito do Livre-Arbitrio, O — Walter J. Chantry
- Natureza da Igreja Evangélica, A — John Gill
- Natureza e a Necessidade da Nova Criatura, Sobre a — John Flavel
- Necessário Vos é Nascer de Novo — Thomas Boston
- Necessidade de Decidir-se Pela Verdade, A — C. H. Spurgeon
- Objeções à Soberania de Deus Respondidas — A. W. Pink
- Oração — Thomas Watson
- Pacto da Graça, O — Mike Renihan
- Paixão de Cristo, A — Thomas Adams
- Pecadores nas Mãos de Um Deus Irado — J. Edwards
- Pecaminosidade do Homem em Seu Estado Natural — Thomas Boston
- Plenitude do Mediador, A — John Gill
- Porção do Ímpios, A — J. Edwards
- Pregação Chocante — Paul Washer
- Prerrogativa Real, A — C. H. Spurgeon
- Queda, a Depravação Total do Homem em seu Estado Natural..., A, Edição Comemorativa de Nº 200
- Quem Deve Ser Batizado? — C. H. Spurgeon
- Quem São Os Eleitos? — C. H. Spurgeon
- Reformação Pessoal & na Oração Secreta — R. M. M'Cheyne
- Regeneração ou Decisionismo? — Paul Washer
- Salvação Pertence Ao Senhor, A — C. H. Spurgeon
- Sangue, O — C. H. Spurgeon
- Semper Idem — Thomas Adams
- Sermões de Páscoa — Adams, Pink, Spurgeon, Gill, Owen e Charnock
- Sermões Graciosos (15 Sermões sobre a Graça de Deus) — C. H. Spurgeon
- Soberania da Deus na Salvação dos Homens, A — J. Edwards
- Sobre a Nossa Conversão a Deus e Como Essa Doutrina é Totalmente Corrompida Pelos Arminianos — J. Owen
- Somente as Igrejas Congregacionais se Adequam aos Propósitos de Cristo na Instituição de Sua Igreja — J. Owen
- Supremacia e o Poder de Deus, A — A. W. Pink
- Teologia Pactual e Dispensacionalismo — William R. Downing
- Tratado Sobre a Oração, Um — John Bunyan
- Tratado Sobre o Amor de Deus, Um — Bernardo de Claraval
- Um Cordão de Pérolas Soltas, Uma Jornada Teológica no Batismo de Crentes — Fred Malone



2 Coríntios 4

¹ Por isso, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos;
² Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³ Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. ⁴ Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. ⁵ Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. ⁶ Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. ⁷ Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. ⁸ Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. ⁹ Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; ¹⁰ Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; ¹¹ E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. ¹² De maneira que em nós opera a morte, mas em vós a vida. ¹³ E temos portanto o mesmo espírito de fé, como está escrito: Cri, por isso falei; nós cremos também, por isso também falamos. ¹⁴ Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco. ¹⁵ Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para glória de Deus. ¹⁶ Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. ¹⁷ Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; ¹⁸ Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.